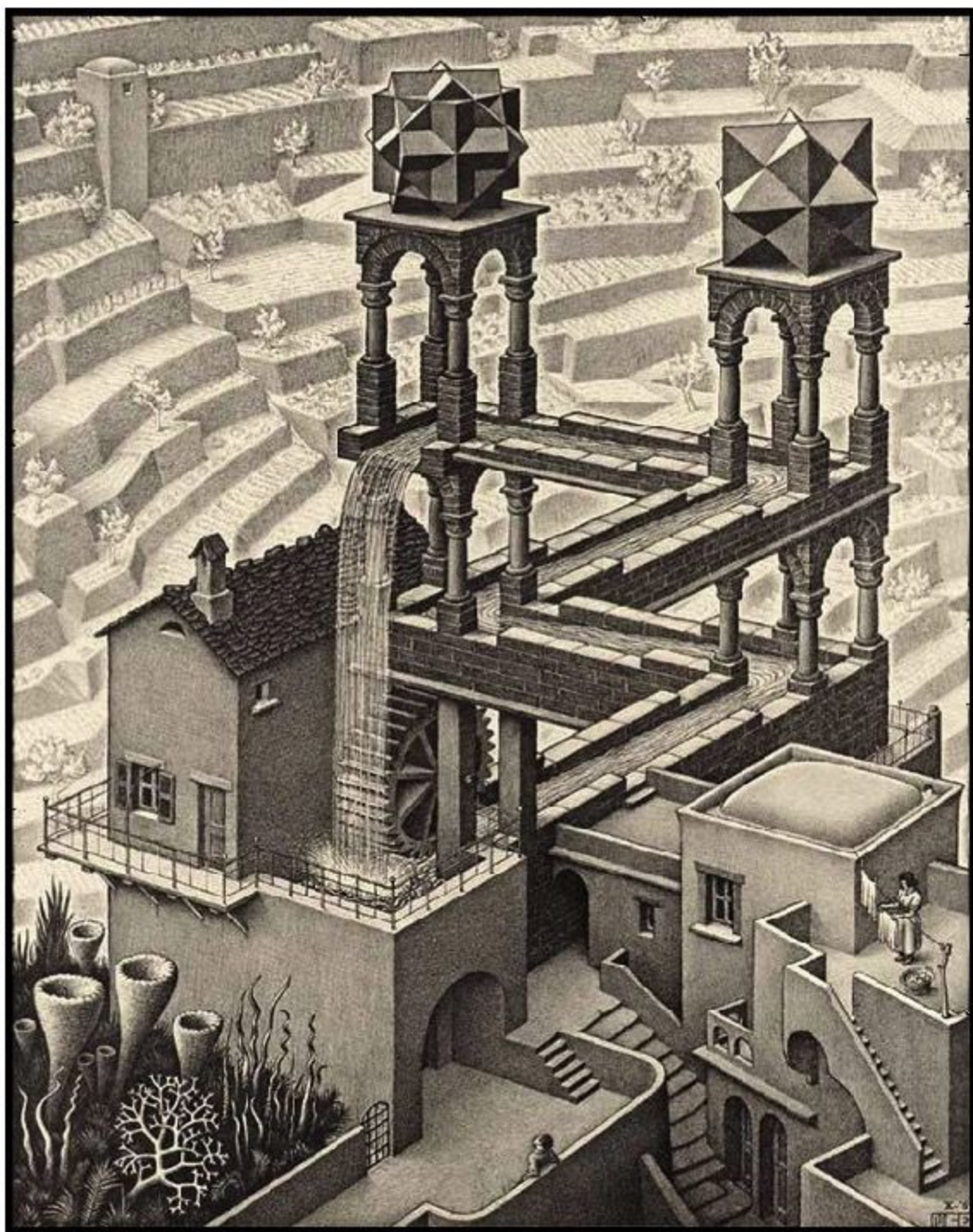


# REVISTA SANTA RITA



ISSN 1980 -1742

Ano 12 – Número 24 – Dezembro de 2017

---

Todos os direitos desta edição estão reservados

# REVISTA SANTA RITA

Ano 12, Número 24, Dezembro de 2017  
ISSN 1980-1742

## FICHA TÉCNICA

Diretor Geral da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas Santa Rita de Cássia Anunciato Storópoli Neto

Coordenador Geral Gabriel Sassi Storópoli

Conselho Editorial Gabriel Sassi Storópoli  
Helder de Jesus Dias  
Sílvia Sassi Storópoli

Corpo Editorial Francisca Gorete Bezerra Sepúlveda  
Helder de Jesus Dias  
Paulo de Tarso Santini Tonon

Editor Paulo de Tarso Santini Tonon

Capa Waterfall – Mauritis Conelis Escher, 1961.  
<http://www.mcescher.com/gallery/recognition-success/waterfall/>.

Editoração Paulo de Tarso Santini Tonon



**FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS E ADMINISTRATIVAS SANTA RITA DE CÁSSIA**

Unidade Jaçanã: Avenida Jaçanã, 648 – Jaçanã São Paulo – SP – CEP 02273 001

<http://www.santarita.br>  
Telefone (11) 2241 - 0777

*\* permitida a livre reprodução e divulgação, desde que citada a fonte*



## CAPA



*Waterfall (1961) - Maurits Cornelis Escher*  
Litografia 300x380mm

Escher nasceu em Leeuwarden, na Holanda, em uma casa que hoje faz parte do Museu de Cerâmica de Princessehof. Foi o filho mais moço do engenheiro civil George Arnold Escher com sua segunda esposa, Sara Gleichman.

Conhecido por seus amigos e família como "Mauk", foi uma criança doente e frequentou uma escola especial desde os sete anos de idade. Embora tenha se destacado no desenho, suas notas eram geralmente baixas. Ele também estudou carpintaria e piano até os seus treze anos.

Em 1919, Escher entrou para a Faculdade de Arquitetura de Haarlem, mas desistiu do curso devido a uma persistente infecção de pele, passando a estudar Artes Decorativas na mesma escola.

Estudou com Samuel Jessurun de Mesquita - artista holandês conhecido pelas suas xilogravuras, litografias e *mezzotints*, que se tornou seu mestre e com quem manteve amizade durante vários anos.

Escher jogava com a representação do espaço tridimensional num plano bidimensional como a folha de papel. Criava figuras impossíveis de existência material, através de representações distorcidas e paradoxais.

Podemos refletir que a mente – assim como o papel – aceita ideias e representações que, muitas vezes, não se mostram passíveis de materialização ou de realização. Daí o importante papel da crítica e da experimentação na construção de nossas teorias e visões de mundo.

Fonte:

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Maurits\\_Cornelis\\_Escher](https://pt.wikipedia.org/wiki/Maurits_Cornelis_Escher)

## O VÍCIO

Helder de Jesus Dias

Acadêmicos são viciados.

Certamente essa frase já foi utilizada por diversos autores, personagens, escritores e demais apaixonados pela vida acadêmica. O acadêmico é assim mesmo, apaixonado pelo conhecimento, seja de uma maneira ou de outra.

O aluno acadêmico anseia pela informação, pelo conhecimento, e não espera que o professor o ensine – aprende! Sim, ele aprende e depois busca o mestre para auxiliá-lo com o conhecimento. O discente essencialmente acadêmico é por excelência um aficionado pelo conhecimento e o busca em todas as oportunidades do seu dia a dia. Mas existem alunos que não são acadêmicos, não podem ser considerados apaixonados e sim, apenas, indivíduos que buscam uma formação qualquer. Um aluno dedicado pode ser somente dedicado, outro mais despreocupado, pode um dia virar acadêmico, caso encontre um tema ou assunto que o torne um viciado.

O docente acadêmico é absolutamente determinado a aprender, mesmo quando parece não haver mais o que aprender. O professor acadêmico busca uma inovação no tema, estuda outros temas e encontra um novo terreno onde fincar os pés. Em sala de aula ele esgota seus pupilos com bons conceitos e não aceita a desistência de um só discente. Ele é viciado no conhecimento e muitas vezes se esquece de sua função principal (lecionar) para divagar junto com seus alunos no tema da lição. Seu vício não é ser professor, mas sim, o conhecimento.

Há ainda o acadêmico que não frequenta a academia. É acadêmico por ser viciado no conhecimento. Ele quer aprender mais e mais – então, não há limites para o aprendizado sobre aquele determinado tema ou ramo profissional. É apenas um viciado em algum tema, e, de tão conhecedor, podemos dizê-lo acadêmico.

Como um brinquedo malvado, o vício acadêmico termina no mesmo ponto em que começou e recomeça – na busca pelo conhecimento de um determinado tema...

---

## APRESENTAÇÃO

A Revista Santa Rita é uma publicação eletrônica multidisciplinar da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas Santa Rita de Cássia. Objetiva o desenvolvimento e a democratização do acesso ao conhecimento.

Não podemos deixar de ressaltar o comprometimento dos professores, o empenho dos alunos e a preciosa participação de outros colaboradores do meio acadêmico, que têm sido de grande valor para que esta publicação alcance seu ideal.

O Prof. Antonio Mota, da UNICAMP, nos brinda nesta edição com sua análise – tão técnica quanto poética - da obra *A Caverna*, de José Saramago e seus paralelos quanto à evolução do Capitalismo.

Nossa ex-aluna, Maria Aparecida Miranda publica com sua orientadora, Profª Maria Thaís Rabello, artigo escrito a partir de seu TCC, em que aborda as virtudes e sua difusão na prática da contação de histórias, assunto no qual é talentosa militante.

O Prof. Flávio Costa, docente do nosso curso de Educação Física nos oferece, em conjunto com seu orientador, o Prof. Luis Claudio de Almeida, um artigo sobre suas experiências frente às dificuldades na gestão desportiva voltada ao Handebol.

Também docente de nossa Instituição, a Profª Zenobia Santos de Abreu e sua orientadora, a Profª Evelyn Denisse Felix de Oliveira, publicam artigo sobre os desafios dos professores frente aos alunos com necessidades educacionais especiais.

A Profª Wanda Márcia Ferreira, da Universidade Estadual do Ceará nos agracia com seu artigo sobre as particularidades no atendimento psicoterapêutico de pacientes renais crônicos – trabalho de grande interesse para as áreas de Psicologia, Saúde e Educação.

Finalizando esta edição, apresentamos o artigo da Profª Cecília Valentim e seu orientador, o Prof. Dr. Arley Andriolo, sobre a potência revolucionária do alargamento da percepção por meio da arte – imperdível!

Boa leitura, Boas Festas e até a próxima edição!

*O Editor*

---

## SUMÁRIO

### ARTIGOS

- 1- A Caverna de José Saramago e a evolução do capitalismo**  
*Antonio Vogaciano Barbosa Mota Filho*.....06
- 2 - As Virtudes na Contação de Histórias**  
*Maria Aparecida Miranda e Maria Thaís Rabello (orientadora)*.....17
- 3- Dificuldades de Gestão Esportiva voltada ao Handebol**  
*Flávio Roberto Bezerra da Costa e Luis Claudio de Almeida (orientador)*.....23
- 4- Os desafios dos professores frente aos alunos com necessidades especiais**  
*Zenobia Santos de Abreu e Evelyn Denisse Felix de Oliveira (orientadora)*..... 30
- 5- A construção da intersubjetividade no vínculo terapêutico com um paciente transplantado renal**  
*Vanda Márcia Ferreira*.....39
- 6- A potência revolucionária do alargamento da sensibilidade por meio da arte**  
*Cecília Valentim e Arley Andriolo (orientador)*.....48
- NORMAS GERAIS PARA PUBLICAÇÃO**.....55

---

# A Caverna, de José Saramago e a evolução do capitalismo

Antonio Vogaciano Barbosa Mota Filho

Economista, Mestre em História Econômica pela USP e Doutorando em Desenvolvimento Econômico na UNICAMP

---

*"Ora, eis o que quero: Fatos.  
Ensinem a estes meninos e meninas os Fatos, nada além dos Fatos.  
Na vida, precisamos somente dos Fatos.  
Não plantem mais nada, erradiquem todo o resto.  
A mente dos animais racionais só pode ser formada com base nos Fatos:  
nada mais lhes poderá ser de qualquer utilidade".*

*Tempos Difíceis*, de Charles Dickens.

---

**Abstract:** Since 2008 the world economy has been through an economic crisis whose initial manifestation was the end of the US housing bubble. Since then, the crisis has taken on different formats such as the euro crisis and, more recently, the crisis in some Latin American countries. In addition to the duration of the economic crisis and its various forms of expression, what also draws attention is the limits of economic science in providing comprehensive explanations for the crisis and presenting ways of overcoming it. The present article aims to point out the methodological limits intrinsic to conventional economics and the need of the economy to expand its transdisciplinarity. To do so, we suggest Literature as an area of knowledge that has intersections with the economy. We will do a small analysis of the book *The Cave* of José Saramago in order to explain how it is possible to understand elements of contemporary capitalism from the combined literary study to the economy.

**Keywords:** *Epistemology, Methodology, Economic Theory, Capitalism, Literature.*

---

**Resumo:** Desde 2008 a economia mundial passa por uma crise econômica cuja manifestação inicial fora o fim da bolha imobiliária estadunidense. Desde então, a crise assumiu diferentes formatos como a crise do euro e, mais recentemente, a crise em alguns países da América Latina. Além da duração da crise econômica e suas diversas formas de expressão, o que também chama atenção são os limites da ciência econômica em prover explicações abrangentes para a crise e apresentar formas de debelá-la. O presente artigo tem como objetivo apontar os limites metodológicos intrínsecos à ciência econômica convencional e a necessidade da economia ampliar sua transdisciplinidade. Para tanto, sugerimos a Literatura como área de conhecimento que possui intersecções com a economia. Realizaremos uma pequena análise do livro *A Caverna* de José Saramago de forma a explicitar como é possível compreender elementos do capitalismo contemporâneo a partir do estudo literário combinado à economia.

**Palavras-chave:** *Epistemologia, Metodologia, Teoria Econômica, Capitalismo, Literatura.*

---

## 1. Introdução

Em novembro de 2008, poucos meses após a quebra do Lehman Brothers, a Rainha Elizabeth II visitou a famosa Escola de Economia de Londres, principal escola da economia ortodoxa européia, e lançou uma pergunta que deixou os professores que a acompanhavam de calças curtas: *"por que ninguém se deu conta?"*.

Trata-se de uma pergunta provocativa e que marcou a reflexão de importantes economistas críticos à teoria econômica convencional. O ganhador do Nobel de Economia de 2008, Paul Krugman, lançou um provocativo artigo em sua coluna no *New York Times* intitulada *"como os economistas puderam errar tanto?"*. Em 2010, o economista chefe do Fundo

Monetário Internacional, o francês Olivier Blanchard, lança o também polêmico texto *Repensando a Política Macroeconômica* cujo título da primeira seção trazia à tona os limites da teoria econômica dominante: *O que nós pensávamos que sabíamos*.

De fato, a crise de 2008 teve um duro impacto na teoria econômica e representou uma ruptura em relação ao otimismo predominante até então. O próprio Blanchard num artigo de 2008 menciona que o estado da teoria macroeconômica seria *bom* (BLANCHARD, 2008). O ganhador do Nobel de Economia de 1995, Robert Lucas, mencionou numa conferência em 2003 que o *"principal problema de prevenção de depressões foi resolvido, para todos os propósitos práticos"* (KRUGMAN, 2009, pág. 9). Ou seja, para Lucas, os ciclos econômicos teriam deixado



de ser um grande problema para o funcionamento da economia e as políticas que dispúnhamos àquela altura seriam suficientes para evitar grandes depressões.

Pouco tempo antes da crise de 1929, importantes economistas também mencionavam que eram remotas as possibilidades de uma profunda depressão nos Estados Unidos. Um exemplo deles era o economista Irving Fisher, importante autor da economia monetária, que afirmou que “os preços das ações alcançaram o que parece um nível permanentemente alto” (GALBRAITH, 2010, pág. 179).

No entanto, as evidentes falhas da teoria econômica convencional não diminuíram sua respeitabilidade acadêmica e mesmo política. As medidas de austeridade que a União Européia impôs sobre países como Grécia, Portugal e Espanha logo deixaram evidente que as teorias e políticas econômicas que armaram o cenário para a crise de 2008 seguiam com prestígio.

Se é possível afirmar que a crise de 2008 é fruto das transformações ocorridas na economia mundial a partir de fins dos anos 1970, que aprofundam a relação entre o mercado, a ação dos Estados e os aspectos culturais de uma economia mundial fortemente hierarquizada, então a conclusão que se segue é que a teoria econômica convencional e sua hiperespecialização não nos fornecem explicações suficientes para compreender a complexidade do capitalismo contemporâneo.

Os riscos da degeneração do estudo da economia já eram percebidos por Aristóteles que separa a economia da crematística (LIMA, 2011). Outro autor que aponta um limite estrutural à ciência econômica é Karl Marx, que em um dos prefácios d’*O Capital* afirma que

a economia política burguesa, isto é, a que vê na ordem capitalista a configuração definitiva e última da produção social, só pode assumir caráter científico enquanto a luta de classes permaneça latente ou se revele apenas em manifestações esporádicas (MARX, 2008, pág. 22-23).

Com efeito, Marx afirma que com David Ricardo “a ciência burguesa atinge um limite que não pode ultrapassar” (MARX, 2008, pág. 23). No entanto, esse “limite” mencionado por Marx não impediu que a ciência econômica seguisse se desenvolvendo e sofisticando.

A partir da década de 1870 e o surgimento do marginalismo, há um esforço declarado de alguns teóricos em tornar a ciência econômica uma ciência exata. É nesse contexto que o cálculo infinitesimal e a estatística ganham espaço dentro da economia e, aos poucos, o título original de “economia política” torna-se simplesmente “economia” (*economics*) uma ciência

próxima da física (*physics*) e da matemática (*mathematics*).

À primeira vista, essa crescente sofisticação poderia parecer uma prova de que a economia não havia encontrado seu limite, como previra Marx. O nosso argumento busca evidenciar que tal limite se expressa através da sofisticação da economia. A teoria econômica dominante preteriu a história, a sociologia e antropologia e apresenta-se como uma ciência universal, ahistórica e que toma por base o tipo ideal do *homo oeconomicus*. Com isso, fica evidente a distância existente entre a teoria econômica e o próprio capitalismo contemporâneo, que mobiliza diversos aspectos extra-econômicos para garantir sua reprodução. A constatação de que o capitalismo avança colonizando a cultura, a ciência e a política esbarra no limite do “economicismo” da teoria econômica.

É importante ressaltar que algumas escolas do pensamento econômico, ainda que vinculadas à economia burguesa, levantaram duras críticas à teoria econômica convencional, dentre as quais podemos destacar a Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL). No *Estúdio Económico* de 1949, o chamado “Manifesto Latino Americano”, o então secretário-executivo do órgão, o argentino Raul Prebisch, atacava duramente a suposta universalidade da teoria econômica e numa nota de roda-pé se queixava do

número exíguo de economistas capazes de penetrar, com um discernimento original, nos fenômenos concretos latino-americanos. Por uma série de razões, não se consegue suprir a carência deles com a formação metódica de um número adequado de jovens de alta qualificação intelectual. Enviá-los às grandes universidades da Europa e dos Estados Unidos já representa um progresso considerável, mas não o suficiente, pois uma das falhas mais visíveis de que padece a teoria econômica geral, contemplada a partir da periferia, é seu falso sentido de universalidade (PREBISCH, 2000, pág. 80).

Por vincular-se aos parâmetros da ciência burguesa, Prebisch propunha uma retificação teórica que permitisse que a história dos países da região deixasse de ser vista como uma “anomalia” e fosse desenvolvido um arcabouço teórico que articulasse o desenvolvimento dos países da região<sup>1</sup>. Tratava-se do

<sup>1</sup> Em seu livro *Formação Econômica do Brasil*, Furtado também aponta suas formulações para os limites da teoria econômica convencional e sua limitação ao ser transportada para a periferia do sistema: “Ao historiador das ideias econômicas no Brasil não deixará de surpreender a monótona insistência com que se acoima de aberrativo e anormal tudo que ocorre no país: a incoversibilidade, os déficits, as emissões de papel-moeda. Essa ‘anormalidade’ secular não chega, entretanto, a constituir objeto de estudo sistemático. Com efeito, não se faz nenhum esforço sério para compreender a anormalidade, que em última instância

aspecto teórico do esforço de superar o “atraso econômico” dos países da região, cujo aspecto prático eram as políticas de industrialização. A questão que logo ficou evidente é que o “atraso” dos países da região não era uma disfunção do funcionamento da economia mundial ou de uma imperfeição da teoria econômica, mas era uma consequência da próprio modo de produção capitalista.

Coube a Marx o grande esforço de superar esse limite por meio de sua crítica à economia política. Não cabe no escopo desse trabalho uma apreciação mais detalhada sobre supostas clivagens existentes no pensamento de Marx, particularmente entre sua fase “jovem”, em que suas reflexões estariam mais marcadas por categorias “filosóficas”, e sua “maturidade” em que as categorias da economia política passariam a ser as mais relevantes. Em nossa interpretação, a crítica à economia política realizada por Marx se dá em consonância com sua profunda reflexão filosófica, e não “apesar” dela.

No entanto, o economicismo também tem marcado diversas linhas de marxismos. Para essas interpretações, a “base econômica” determinaria a “superestrutura” política e ideológica, que sobredeterminaria a base econômica. Como corolário dessa visão, a superação de um modo de produção estaria vinculada diretamente às suas contradições econômicas geradas pelo avanço das forças produtivas e o caráter retrógrado das relações de produção. Dessa forma, o desenvolvimento das forças produtivas capitalistas seria uma pré-condição da revolução socialista.

Isso fez com que os estudos marxistas acerca de temas como cultura, arte e estética fossem subestimados. Como menciona Konder: “*Certos teóricos marxistas parecem ter chegado a crer, realmente, na irrelevância da estética, na sua básica estreiteza de significação*” (KONDER, 2013, pág. 19).

Tão grave quanto o economicismo e o desprezo que diversos teóricos dispensaram a temas que estavam

para além do estudo mais imediato da “base econômica” foi a tentativa de formatar o marxismo ao casuismo do comitê central dos partidos comunistas, algo marcante no stalinismo. De acordo com Konder:

O marxismo do partido – o “marxismo-leninismo” – não podia se abrir plenamente para o reconhecimento da inesgotabilidade do real, não podia admitir, de fato, a irredutibilidade do real ao saber. Ele precisava preparar os militantes para a aceitação disciplinada das palavras de ordem emanadas da direção, que não podia tolerar dúvidas capazes de se expandirem e especulações que pudessem estorvar a canalização de todas as energias na direção indicada (KONDER, 2009, pág. 73).

Com isso, rígidas teorias foram formatadas com o objetivo de expurgar definitivamente do marxismo elementos que não fossem estritamente “científicos” e que turvassem a análise da “base econômica” e as formas pelas quais ela determinava os demais elementos da vida social. Algumas das vítimas desse reducionismo simplista foram a arte e a cultura dentro do socialismo real. A partir da ascensão de Stalin e a formulação do *realismo socialista* a arte na União Soviética passa a ser submetida aos ditames do partido comunista, já fortemente burocratizado<sup>2</sup>. A personificação da subsunção da arte soviética às necessidades políticas do regime de Stalin é Andrei Zdanov, cujo nome deu origem ao chamado *zdanovismo*. Para Konder:

Em nome da exigência de uma rentabilidade política imediata, o zdanovismo exigia que as manifestações de desespero e de solidão fossem banidas da arte, que a representação artística da realidade fosse unilateralmente otimista. A representação de aspectos trágicos da vida soviética era admitida, mas desde que tratasse da tragédia de

---

era a realidade dentro da qual se vivia. Todos os esforços se gastam numa tarefa que a experiência demonstrava ser vã: submeter o sistema econômico às regras monetárias que prevaleciam na Europa. Esse enorme esforço de mimetismo – que derivava de uma fé inabalável nos princípios de uma doutrina sem fundamento na observação da realidade – se estenderá pelos três primeiros decênios do século XX” (FURTADO, 2006, pág. 230). A título de ilustração da relevância que esse debate metodológico teve nas ciências sociais brasileiras, cabe mencionar o artigo do engenheiro carioca Eugênio Gudín, pai do neoliberalismo tupiniquim, “*O caso das nações subdesenvolvidas*” em que afirma que, tanto para os países subdesenvolvidos quanto para os países desenvolvidos, “*as equações são as mesmas, apenas os parâmetros variam*” (GUDÍN, 1952, pág. 53). Curiosamente, Caio Prado Jr. expressa seu acordo com Gudín ao afirmar que “*não precisamos de uma ‘nova’ ciência econômica; e nesse sentido o Prof. Gudín acima citado está com a razão. O que precisamos é adquirir um ponto de vista que seja nosso e que nos dê aquela visão de conjunto que no referente ao capitalismo euro-norte-americano se inclui por si e implicitamente nas categorias clássicas tal como elas se apresentam. E esse ponto de vista é o da história...*” (PRADO JR., 1954, pág. 19).

---

2 Um exemplo da literatura própria do realismo socialista é o livro *Seara Vermelha* de Jorge Amado, escrito em 1946 quando Amado era deputado pelo PCB. Em pouco tempo o livro fora traduzido para o russo e era “*o mais lido entre todos os livros de autores estrangeiros*” na União Soviética (BELIAKOVA, 2014). A burocracia soviética perseguiu sistematicamente diversos autores entusiastas da Revolução de 1917, mas que eram críticos aos rumos impressos por Stalin a ela. O caso de Ievguêni Zamiátin exemplifica bem a situação. Zamiátin escreveu a distopia *Nós* em 1920 e pouco tempo depois passara a ser perseguido pela burocracia. Foi proibido de publicar novas obras, o que fez com que escrevesse uma carta a Stalin pedindo que comutasse sua sentença pelo exílio em algum outro país. Na carta enviada em junho de 1931, Zamiátin escreve: “*Para mim, como escritor, ser privado de escrever é como uma sentença de morte. Ainda assim a situação que se delineou é tal que não posso continuar meu trabalho, pois nenhuma atividade criativa é possível em uma atmosfera de perseguição sistemática, que aumenta de intensidade ano após ano*” (ZAMIÁTIN, 2017, pág. 325).



um revolucionário morto gloriosamente em combate por uma causa justa e desde que não houvesse margem para dúvidas quanto à vitória final dessa causa justa. Assim, as contradições da realidade eram aprioristicamente simplificadas e só podiam alimentar uma obra de criação anêmica, limitada (KONDER, 2013, pág. 92).

Logo, é possível perceber que essa modalidade de marxismo marcada pela interpretação restrita da “base” e da “superestrutura” acaba convergindo com o liberalismo econômico em seu conteúdo economicista, o qual, como mencionamos anteriormente, não consegue captar a complexidade do modo de produção capitalista. O desenvolvimento de categorias e formulações críticas ao capitalismo deve se dar para além da economia, uma vez que o próprio capitalismo já não opera apenas na seara econômica. Ainda segundo Konder:

como a realidade de cuja essência a arte nos dá a imagem é basicamente a realidade humana, a renúncia ao desenvolvimento do conhecimento artístico e, por conseguinte, a renúncia ao desenvolvimento do estudo das questões estéticas acarretam a perda de uma dimensão essencial na nossa autoconsciência (KONDER, 2013, pág. 25).

A tônica do trabalho que se segue é a tentativa de construir um contato transdisciplinar entre a economia e a literatura de forma a ampliar os estreitos limites analíticos impostos pelo economicismo e que se mostram em evidente contradição com o funcionamento do capitalismo contemporâneo.

Nosso objeto de estudo é o livro *A Caverna* do escritor português José Saramago em que é possível notar elementos da dinâmica do capitalismo e algumas de suas contradições. Uma vez que “*as obras literárias não são misteriosamente inspiradas, nem explicáveis simplesmente em termos de psicologia dos autores*” (EAGLETON, 2011, pág. 19), é possível tentar reconstruir por meio delas o contexto socioeconômico. No entanto, essa reconstrução não pode ser feita sem mediações. A obra literária não pode ser tomada como sendo um reflexo imediato do capitalismo. Para avançar na reconstrução da complexidade histórica do capitalismo utilizaremos de outras referências que nos ajudem a definir alguns conceitos e explicitar elementos relevantes, mas que muitas vezes aparecem de forma implícita na obra de Saramago.

Tomamos como referência metodológica as pistas deixadas em escritos de Marx e Engels e outros autores vinculados a o que chamamos de marxismo *herético*: Walter Benjamin, E. P. Thompson, Raymond Williams e Terry Eagleton. O termo “*pistas*” não foi

utilizado despropositadamente: tais autores não chegaram a desenvolver uma teoria estética acabada e sistemática. Partiremos de suas formulações para traçar possíveis diálogos entre a economia e a literatura.

É importante mencionar que a tentativa de estabelecer diálogos entre a economia e literatura não é inédita. Uma importante referência é o livro organizado por Woodmansee e Osteen (2005). Por fim, cabe mencionar que inclusive economistas ortodoxos e abertamente vinculados à ideologia dominante têm buscado estabelecer pontes entre a economia e a literatura, como é o caso do economista brasileiro Gustavo Franco, ex-presidente do Banco Central, que tem se dedicado ultimamente à análise da economia em autores da literatura como Fernando Pessoa e Machado de Assis (FRANCO, 2007a; 2007b).

De modo a garantir uma melhor articulação entre os elementos expostos, optamos por dividir nosso trabalho em três seções, além dessa pequena introdução: José Saramago e o contexto de *A Caverna*; “progresso” e barbárie capitalista e a conclusão.

## 2. José Saramago e o contexto de *A Caverna*

José Saramago (1922-2010) nasceu na cidade de Azinhaga em Portugal foi o único escritor lusófono a ganhar o Prêmio Nobel de Literatura (1998). O escritor foi muito conhecido pela sua longa militância de esquerda e em 1969 filia-se ao Partido Comunista Português (PCP), organização política pela qual chega a ser eleito vereador em Lisboa em 1989.

Ainda que estivesse vinculado ao PCP até o fim de sua vida, o autor recorrentemente mostrou-se crítico em relação às experiências do socialismo real. Saramago também explicitava a autonomia que guardava em relação ao PCP:

No soy un escritor comunista, lo que soy es un comunista escritor, que es distinto. Es decir, no soy un escritor comunista que escribe según una orientación política o ideológica determinada y que utiliza la literatura para difundir esa orientación (SARAMAGO, 2010, pág. 406)

Ao contrário do otimismo em relação ao progresso econômico que marcaria fortemente o “marxismo oficial”, em diversas entrevistas e depoimentos Saramago ressaltava seu pessimismo e seu ceticismo em relação à “razão”. Esse também é o fio condutor do livro *Ensaio sobre a cegueira*, publicado em 1995, em que as personagens são acometidas de uma cegueira “branca”: a “razão” historicamente tem sido vinculada à imagem da “luz” que retira a humanidade das “trevas” da ignorância (o “*Iluminismo*” expressava

exatamente essa ideia). A primeira menção à cegueira “branca” no livro evidencia essa questão:

O cego ergueu as mãos diante dos olhos, moveu-as, Nada, é como se estivesse no meio de um nevoeiro, é como se tivesse caído num mar de leite, Mas a cegueira não é assim, disse o outro, a cegueira dizem que é negra, Pois eu vejo tudo branco (SARAMAGO, 2014, pág. 17).

No livro, a “luz” cegara sociedade. Trata-se de uma referência ao papel contraditório que a razão tem desempenhado: por um lado o avanço da técnica e da ciência nos trouxe uma maior expansão econômica e pode ampliar o bem-estar de parte da sociedade, por outro também ampliou o potencial destrutivo da ação humana. A questão foi muito bem sintetizada por Saramago: “*Si el hombre es un ser racional y utiliza la razón contra sí mismo – y com esto quiero decir contra sus semejantes –, para qué sirve entonces la razón?*” (SARAMAGO, 2010, pág. 152).

A questão acerca da racionalidade é exposta inicialmente em *Ensaio para cegueira*, avança em *Todos os nomes*, publicado em 1997, em que o autor retrata a burocracia estatal e, por fim, em *A caverna*, publicado em 2000. O próprio autor expressou a proximidade das três obras em entrevista à revista Época de Madri.

No fue una trilogía que yo pensara como tal, desde el principio. Per, dentro de la diversidad de temas de las tres novelas, hay una unidad de intención, que consiste en decir lo que, para el autor, es el mundo, la vida que estamos viviendo (SARAMAGO, 2010, pág. 343).

Em *A Caverna*, Saramago descreve a vida do oleiro viúvo Cipriano Algor (que significa “frio intenso”, o que prenuncia o temperamento da personagem) de sessenta e quatro anos, sua filha Marta e seu genro Marçal Gacho, segurança de um Centro Comercial na cidade (sempre grafado em letras maiúsculas, como se representasse uma pessoa). Cipriano e Marta moram no campo e Marçal passa as folgas com eles.

Cipriano produz louças de barro que são compradas pelo Centro Comercial onde trabalha Marçal. Pela descrição do livro, percebe-se que o processo de produção da louça é basicamente artesanal e com pouca sofisticação. O barro é amassado, modelado, e cozido no forno a lenha. A produção de louças era uma atividade que acompanhava a família de Cipriano a algum tempo com basicamente o mesmo procedimento de produção. Em uma das viagens ao Centro Comercial para entregar as encomendas, Cipriano é surpreendido com a notícia de que o Centro adquirira somente metade da encomenda.

Metade, porquê, As vendas baixaram muito nas últimas semanas, provavelmente iremos ter de devolver-lhe por falta de

escoamento o que está no armazém, Devolver o que têm em armazém, Sim, está no contrato, Bem sei que está no contrato, mas como também lá está que não me autorizam a ter outros clientes, diga-me a quem é que vou vender a outra metade, Isto não é comigo, eu só cumpro as ordens que recebi (SARAMAGO, 2000, pág. 22).

A trama central do livro se desdobra no esforço do oleiro em achar uma alternativa ao desemprego. Em torno da história de Cipriano nota-se o caráter contraditório do “progresso” capitalista, aspecto que analisaremos na próxima seção.

### 3. “Progresso” e barbárie capitalista

A ideia de “progresso”, compreendido como um movimento que possibilita um presente melhor que o passado e a esperança de um futuro melhor que o presente, precede largamente o início do capitalismo e assume conotações específicas em diferentes períodos históricos. Na ampla revisão sobre o tema realizada por Dupas, o autor aponta que seria possível encontrar já na Grécia antiga interpretações da história marcadas pela ideia de progresso (DUPAS, 2006). Na Idade Moderna, o progresso teria ganhado força pouco a pouco a partir do Renascimento e a partir da segunda metade do século XVIII, principalmente com o surgimento do Iluminismo, a ideia de progresso torna-se uma das principais ideias do Ocidente. Também é nesse período em que ocorre o estreitamento da interpretação de progresso como crescimento econômico. À medida que o jusnaturalismo reforça a ideia de liberdade natural, abre-se espaço para vincular diretamente progresso, economia e liberdade. Coube a Adam Smith realizar essa síntese em sua obra de 1776, *A riqueza das nações*. De acordo com Dupas:

a grande obra produzida na Inglaterra a respeito de questões sociais e do desenvolvimento humano, no século XVIII, foi *A riqueza das nações* de Adam Smith. Ele elegeu a ideia de liberdade econômica individual ou “liberdade natural” como motor de um sistema econômico eficiente para levar ao “progresso da opulência”. A metáfora da “mão invisível” do mercado garantia que ele funcionaria melhor com melhor interferência do Estado. (...) Para Smith, o livre-comércio entre povos e nações seria de grande vantagem para todos e um elemento essencial de sua *ideia de progresso* (DUPAS, 2006, pág. 48).

A ideia de progresso seguiu sendo amplamente desenvolvida pela filosofia e serve de base para boa parte da teoria econômica. As interpretações mais dogmáticas do materialismo histórico também estão inscritas dentro dessa perspectiva: a superação de um modo de produção é uma evidência do progresso. O surgimento do socialismo seria, dentro dessa

interpretação, a instalação do reino do progresso em que as forças produtivas já não são seriam restritas pela relações produtivas.

Se nos detivermos inicialmente aos escritos do próprio Marx, é possível notar uma dubiedade em relação ao tema do progresso: em alguns de seus livros, Marx mostra-se um entusiasta do progresso e vê nele um instrumento para o surgimento da revolução socialista<sup>3</sup> e em outros, particularmente acerca da situação das comunas rurais russa, afirma que a passagem para o socialismo sem passar pelas angústias do capitalismo (MARX, ENGELS, 2013).

Após a morte de Marx, as interpretações marxistas que se seguiram levaram ao extremo o entusiasmo com o progresso e o desenvolvimento das “forças produtivas” como condição para a revolução socialista. Dessa forma, o socialismo era visto quase que como uma fatalidade do desenvolvimento econômico.

Uma exceção a essa interpretação foi a economista polonesa Rosa Luxemburgo. Particularmente em suas obras de caráter mais abertamente econômico, como *Acumulação de Capital*, Rosa expõe como o desenvolvimento capitalista avança sobre as formações econômicas não-capitalistas destruindo-as e submetendo-as à dinâmica capitalista. Para Löwy e Sayre:

os escritos de Rosa Luxemburgo sobre esse tema são muito mais do que um vislumbre erudito de história econômica: sugerem uma maneira diferente de conceber o passado e o presente, historicidade social, o progresso e a modernidade, cuja afinidade com certos aspectos do romantismo revolucionário é significativa. Ao confrontar a civilização industrial capitalista com o passado comunitário da humanidade, Rosa Luxemburgo rompe com o evolucionismo linear, o “progressismo” positivista e todas as interpretações insipidamente “modernizadoras” do marxismo que predominavam em sua época (LÖWY, SAYRE, 2015, pág. 137).

Se Rosa Luxemburgo avança na crítica ao otimismo do marxismo dogmático, coube a Walter Benjamin elaborar fragmentos de uma filosofia da história marcada por uma nova interpretação do “progresso”. Em seus escritos iniciais é possível perceber influência do romantismo alemão que se expressava “por múltiplas tentativas de reencantamento do mundo”

3 “O progresso da indústria, de que a burguesia é agente passivo e involuntário, substitui o isolamento dos operários, resultante da competição, por sua união revolucionária resultante da associação. Assim, o desenvolvimento da grande indústria retira dos pés da burguesia a própria base sobre a qual ela assentou o seu regime de produção e de apropriação dos produtos. A burguesia produz, sobretudo, seus próprios coveiros. Seu declínio e a vitória do proletariado são igualmente inevitáveis” (MARX, ENGELS, 2007, pág. 51).

(LÖWY, 2012, pág.19). À medida que avançava a racionalidade econômica e a frieza das relações sociais mediadas pelos contratos deixam evidente que o capitalismo destruiu as formas de vida anteriores. A particularidade da obra de Benjamin está no fato de que sua crítica ao progresso “não é feito em nome do conservadorismo passadista, mas da revolução” (LÖWY, 2012, pág. 20).

Em seu último texto, *Sobre o conceito de história*, Benjamin expõe de forma as contradições inerentes ao progresso capitalista. Na tese VII, o autor critica o procedimento metodológico do historicismo que busca recriar a história “como realmente foi”. Para Benjamin o erro desse método está exatamente no aspecto mais valorizado pelo positivismo: a neutralidade da atividade científica. O materialismo histórico só poderia ser uma teoria se rompesse com essa frieza metodológica e assumir uma identificação afetiva com seu objeto de estudo.

Com quem, afinal, propriamente o historiador do Historicismo se identifica afetivamente? A resposta é, inegavelmente: com o vencedor. Ora, os dominantes de turno são os herdeiros de todos os que, algum dia, venceram. A identificação afetiva com o vencedor ocorre, portanto, sempre, em proveito dos vencedores de turno. Isso diz o suficiente para o materialismo histórico. Todo aquele que, até hoje, obteve a vitória, marcha junto no cortejo de triunfo que conduz os dominantes de hoje [a marcharem] por cima dos que, hoje, jazem por terra. A presa, como sempre de costume, é conduzida no cortejo triunfante. Chamam-na bens culturais. (...) Nunca há um documento de cultura que não seja, ao mesmo tempo, um documento de barbárie. E, assim como ele não está livre da barbárie, também não o está o processo de sua transmissão, transmissão na qual ele passou de um vencedor a outro. Por isso, o materialista histórico, na medida do possível, se afasta da transmissão. Ele considera como sua tarefa escovar a história a contrapelo (BENJAMIN, 2012, pág. 70).

Dentro do historicismo resta pouco espaço para as camadas sociais que pereceram em meio às transformações ocorridas no bojo do “progresso”. Cabe ao materialista incomodar essa interpretação escovando a história a contrapelo e assumindo sua identificação afetiva com os que foram dizimados pelo progresso.

Antes de tratarmos de como a questão do progresso aparece em *A Caverna*, apresentaremos uma última interpretação marxista crítica à ideia de progresso: a de E. P. Thompson (1924-1993) em seu livro *A formação da classe operária inglesa*.

Thompson foi um importante historiador inglês que fez integrou o chamado “grupo de historiadores” do Partido Comunista da Grã-Bretanha junto com Eric Hobsbawm e Christopher Hill. Thompson se desliga do PC em 1956 com a invasão da União Soviética na Hungria, mas segue vinculado teoricamente ao



marxismo. Foi um dos principais expoentes da chamada “história vista de baixo” que buscava ampliar os estudos dos historiográficos sobre as classes sociais oprimidas, que eram pouco presentes das obras dos historiadores. Seu livro, *A formação da classe operária inglesa*, publicado em 1963, é um marco da história vista de baixo. Como afirma o autor em seu prefácio ao livro:

Apenas os vitoriosos (no sentido daqueles cujas aspirações anteciparam a evolução do posterior) são lembrados. Os becos sem saída, as causas perdidas e os próprios perdedores são esquecidos. Estou tentando resgatar o pobre tecelão de malhas, o meeiro luddita, o tecelão do “obsoleto” tear manual, o artesão “utópico” e mesmo o iludido seguidor de Joana Southcott, dos imensos ares superiores de condescendência da posteridade. Sua hostilidade diante do novo industrialismo podia ser retrógrada. Seus ideais comunitários podia ser fantasiosos. Suas conspirações insurrecionais podia ser temerárias. Mas eles viveram nesses tempos de aguda perturbação social, e nós não. Suas aspirações eram válidas nos termos de sua própria existência; se foram vítimas acidentais da história, continuam a ser, condenados em vida, vítimas acidentais (THOMPSON, 2011, pág.14).

O “beco sem saída” do oleiro Cipriano pode ser compreendido como uma representação do drama de todos os que viram suas vidas duramente afetadas pelo desenvolvimento do capitalismo. O ofício lhe aparece não apenas como uma atividade profissional, mas como expressão material de sua história e de sua família: pelos relatos da obra, a olaria teria sido introduzida na família Algor pelo avô de Cipriano. O ofício de oleiro condiciona inclusive a relação de Cipriano com o espaço ao seu redor: a antiga casa ficava ao lado do forno utilizado para cozinhar o barro e a lenha utilizada era de fácil acesso.

O processo de produção é artesanal e tem por base o conhecimento tácito transmitido de geração em geração em sua família. Dessa forma, o resultado do trabalho manual executado por Cipriano assume contornos de uma obra de arte. Detalhes como o ponto da argila, temperatura do forno e tempo de cozimento são controlados pelo oleiro a partir da percepção sensorial que combinam sensibilidade e técnica, como fica evidente na seguinte passagem:

são poucos os que sabem da existência de um pequeno cérebro em cada um dos dedos da mão, algures entre a falange, a falanginha e a falangeta. Aquele outro órgão a que chamamos cérebro, esse com que viemos ao mundo, esse que transportamos dentro do crânio e que nos transporta a nós para que o transportemos a ele, nunca conseguiu produzir senão intenções vagas, gerais, difusas, e sobretudo pouco variadas, acerca do que as mãos e os dedos deverão fazer. Por exemplo, se ao cérebro da cabeça lhe ocorreu a ideia de uma pintura, ou música, ou escultura, ou literatura, ou boneco de barro, o que ele faz é manifestar o desejo e

ficar depois à espera, a ver o que acontece. Só porque despachou uma ordem às mãos e aos dedos, crê, ou finge crer, que isso era tudo quanto se necessitava para que o trabalho, após umas quantas operações executadas pelas extremidades dos braços, aparecesse feito (SARAMAGO, 2000, pág. 82).

É evidente o choque entre dois mundos: de um lado, Cipriano e sua produção artesanal e, do outro, o Centro Comercial e sua dinâmica capitalista. Uma vez que a produção faz parte de uma longa tradição que se confunde com a própria vida de Cipriano, não se encontra regulada por critérios plenamente capitalistas. Critérios como aumento de produtividade e aplicação de novas técnicas não estão presentes. O formato da produção da olaria de Cipriano apresenta-se mais como uma *rememoração* das suas origens do que com os critérios capitalistas de lucratividade.

Toda a arqueologia de materiais é uma arqueologia humana. O que este barro esconde e mostra é o trânsito do ser no tempo e a sua passagem pelos espaços, os sinais dos dedos, as raspaduras das unhas, as cinzas e os tições das fogueiras apagadas, os ossos próprios e alheios, os caminhos que eternamente se bifurcam e se vão distanciando e perdendo uns dos outros. Este grão que aflora à superfície é uma memória, esta depressão a marca que ficou de um corpo deitado. O cérebro perguntou e pediu, a mão respondeu e fez (SARAMAGO, 2000, pág. 84).

Estamos diante de um trabalhador que conhece de forma sensível o produto do seu trabalho. Os aspectos qualitativos da produção predominam sobre os quantitativos. A inversão desses aspectos não se faz de forma idílica. A concorrência com as mercadorias oriundas de processos genuinamente capitalistas mina a existência do artesão e, com ele, das formas de vida pré-capitalistas.

O capitalismo tangencia a vida de Cipriano quando leva seus produtos para vender no Centro Comercial. No mercado, o produto do trabalho da família Algor entra no campo das relações impessoais da troca em que parâmetros objetivos (preço e diversificação do produto) e subjetivos (a moda, a propaganda, etc.) condicionam a aceitação do seu produto. Para o consumidor em potencial é indiferente se o oleiro domina a arte secular da moldagem do barro ou se já está idoso e incapacitado para exercer outra profissão.

Ainda que Cipriano operasse a olaria da mesma forma que seu avô e seu pai, algo havia mudado na sociedade que fazia com que seus produtos já não fossem mais demandados como anteriormente. As percepções subjetivas desse fato evidenciam o choque dos dois mundos que mencionamos anteriormente. Para os capitalistas, trata-se de uma constatação objetiva das preferências dos consumidores, como transparece no seguinte diálogo

entre Cipriano e o chefe do departamento de compras do Centro Comercial:

Para o Centro, senhor Algor, o melhor agradecimento está na satisfação dos nossos clientes, se eles estão satisfeitos, isto é, se compram e continuam a comprar, nós também o estaremos, veja o que sucedeu com a sua louça, deixaram de se interessar por ela, e, como o produto, não valia o trabalho e a despesa de os convencer de que estavam em erro, demos por terminada a nossa relação comercial, é muito simples, como vê (...) (SARAMAGO, 2000, pág. 130).

Já para Cipriano, tudo se passa como se sua própria existência houvesse se tornado redundante. Uma vez que só sabia produzir louças, sua vida perdia sentido. Ainda sob o impacto da notícia de que o Centro reduziria pela metade suas compras, o senhor Algor visita o túmulo de sua esposa, Justa, e desabafa:

Justa, o que me fizeram, rirem-se do meu trabalho e do trabalho da nossa filha, dizem eles que as loiças de barro deixaram de interessar, que já ninguém as quer, portanto também nós deixámos ser precisos, somos uma malga rachada em que já não vale a pena perder tempo a deitar gatos, tu tiveste mais sorte enquanto viveste (SARAMAGO, 2000, pág. 45).

Recorrentemente Cipriano repete a dura constatação de que “não tenho futuro”. A transição da situação de “oleiro”, característica que qualificava sua vida como a continuidade de uma tradição de oleiros, para “desempregado” - ou ainda, “inimpregável” - evidencia a dissociação realizada entre os aspectos biológicos e sociais da vida: ainda que Algor siga existindo biologicamente, sua vida dentro da sociedade feneceu junto com seu trabalho. A própria personagem reconhece que sem trabalho, não há futuro. Mais do que “determinações” econômicas, o capitalismo aqui se apresenta também como um importante condicionante da subjetividade.

O oleiro repetia um mesmo procedimento de produção e de venda de sua mercadoria e isso lhe garantia sentido à vida. As relações estabelecidas por Cipriano em seu microcosmo haviam permanecido semelhantes a de seus antepassados, mas os condicionantes desse microcosmo haviam se alterado. Enquanto os avanços técnicos do capitalismo não tornam supérflua a produção artesanal, ela consegue sustentar sua relevância no mercado. No entanto, à medida que ocorreram transformações produtivas que permitiram obter produtos semelhantes àqueles produzidos por Cipriano com menor custo, sua pequena olaria entra em seus momentos finais.

Podemos perceber como a própria concorrência promove a eliminação de competidores e a oligopolização dos mercados: os capitais que conseguem promover algum tipo de inovação e diminuir o tempo de trabalho necessário à produção

das mercadorias, adquirem uma vantagem competitiva.

Novos processos e novos produtos engendram novas formas de consumo, o que faz com as empresas já não sejam apenas “unidades produtivas” mas também as bases de um nova cultura marcadamente capitalista. À medida que crescem as escalas e os níveis de investimento das empresas, o condicionamento do comportamento consumidores por meio da propaganda se torna uma variável central no desempenho das vendas<sup>4</sup>. A ideia básica da teoria econômica de que as preferências dos consumidores definiriam a demanda pelos produtos e, conseqüentemente, os preços, já não corresponde a esse formato da economia capitalista em que as grandes empresas condicionam fortemente as preferências dos consumidores.

Ao longo do tempo, resta aos demais capitais uma dupla alternativa: ou se lançam à corrida pelas transformações produtivas ou são expulsos do mercado. O longo trecho a seguir, retirado de uma descrição do narrador do livro sobre a situação do atraso tecnológico da olaria de Cipriano, explicita a ingenuidade de Cipriano ao pensar que:

... que certos gostos e necessidades dos contemporâneos do avô fundador, em matéria de produtos cerâmicos, se iriam manter inalteráveis per omnia saecula saeculorum ou, pelo menos, durante toda a sua vida, o que vem a dar no mesmo, se bem repararmos. Já se tinha visto como o barro é amassado aqui da mais artesanal das maneiras, já se tinha visto como são rústicos e quase primitivos estes tornos, já se tinha visto como o forno lá fora conserva traços de inadmissível antiguidade numa época moderna, a qual, não obstante os escandalosos defeitos e intolerâncias que a caracterizam, teve a benevolência de admitir até agora a existência de uma olaria como esta quando existe um Centro como aquele. Cipriano Algor queixa-se, queixa-se, mas não parece compreender que os barros amassados já não é assim que se armazenam, que às indústrias cerâmicas básicas de hoje pouco falta para se converterem em laboratórios com empregados de bata branca tomando notas e robôs imaculados cometendo o trabalho. Aqui fazem clamorosa fada, por exemplo, higrômetros que meçam a humidade ambiente e dispositivos electrónicos competentes que a mantenham constante, corrigindo-a de cada vez que se exceda ou mingüe, não se pode mais trabalhar a olho nem a palmo, por apalpação ou farejando,

4 Num pequeno passeio que realizou pelo Centro Comercial, Cipriano copiou algumas frases expostas nas vitrines das lojas: “Seja ousado, sonhe (...) Viva a ousadia de sonhar (...) Uma, ganhe operacionalidade, duas, sem sair de casa os mares do sul ao seu alcance, três, esta não é a sua última oportunidade mas é a melhor, quatro, pensamos todo o tempo em si é a sua altura de pensar em nós, cinco, traga os seus amigos desde que comprem, seis, connosco você nunca quererá ser outra coisa, sete, você é o nosso melhor cliente mas não o diga ao seu vizinho” (SARAMAGO, 2000, pág. 312).

A decisão do Centro Comercial de comprar somente metade da produção de Cipriano e, posteriormente, de cancelar definitivamente a relação com sua olaria apenas deixam explícito o descompasso entre o tempo frenético do comércio – fortemente condicionado pela propaganda e pelas inovações técnicas – e o tempo artesanal e artístico da família Algor. Essa explicitação da incompatibilidade de sua atividade profissional na atual fase do capitalismo é tomada por Cipriano como uma interdição ao seu passado, compreendido como o conjunto de relações que se expressavam na rotina da olaria.

Ao ver seu passado bloqueado, Cipriano é trazido abruptamente para a forma mais brutal do capitalismo em que se “*tem consciência apenas de um presente perpétuo*” (DEBORD, 2011, pág. 88). O tempo cíclico do capitalismo – em que o trabalhador deve executar determinada tarefa seguidas vezes em seguidos dias – é o tempo que evidencia a Cipriano que sua inserção econômica na sociedade extinguiu-se. Dessa forma, a entrada de Cipriano na contemporaneidade do capitalismo se dá pela porta da angústia. O presente perpétuo da inutilidade econômica do nosso oleiro representa também seu futuro inexistente.

O caso descrito na obra de Saramago também é relevante porque expressa a violência como a população dos países subdesenvolvidos foi inserida na dinâmica capitalista, particularmente nas primeiras décadas do século XX. Em diferentes textos, Marx analisa a violência inerente à dissolução das formas de produção pré-capitalista e ao surgimento da “classe trabalhadora” compreendida como aquela despossuída de quaisquer meios que lhe garantam a existência. Trata-se expropriada de seus vínculos originais com a *terra*, com os *meios de produção*, os *bens de consumo* e com os *demais trabalhadores* (MARX, 1993, pág. 497). Com a separação da classe trabalhadora desses elementos mencionados torna-se possível a conversão das relações até então *sociais* em relações plenamente *mercantis* em que o dinheiro assume o papel de equivalente geral.

No entanto, caso atentemos para as especificidades do desenvolvimento do capitalismo na periferia do sistema, é possível notar como a barbárie do “progresso” é a tônica desse processo. Um marco histórico fundamental da integração da periferia no capitalismo é a escravidão: a origem dos escravizados eram as regiões periféricas e seus destinos também costumavam ser regiões da periferia do capitalismo. Além disso, historicamente o acesso à terra nas regiões periféricas é mais restrito, o que faz com que a separação entre a classe trabalhadora e a terra seja levada ao paroxismo. A consequência imediata dessa estrutura fundiária altamente concentrada é o baixo

de nível de vida das populações periféricas. Como afirmam Novais e Cardoso de Mello:

no conjunto do país, a esmagadora maioria [dos trabalhadores do campo], cerca de 85%, é formada por posseiros, pequenos proprietários, parceiros, assalariados temporários ou permanentes, extremamente pobres ou miseráveis. (...) O que aproximava todos, fossem assalariados permanentes, pequenos proprietários, posseiros e parceiros, era a miséria ou a extrema pobreza em que viviam (NOVAIS, CARDOSO DE MELLO, 2009, pág. 18).

No caso inglês, o antigo camponês expulso das terras comuns vê-se impelido a ir para os centros urbanos onde o capitalismo nascente trata de introjetar-lhe – por meio da violência das *working house*, por exemplo – a disciplina fabril e sua condição de *trabalhador*. Sob a violência, capital e classe trabalhadora surgem e se desenvolvem como extremos de uma contradição em movimento. A cada novo momento do desenvolvimento do capitalismo, esses extremos antagônicos são repostos.

A periferia do sistema integra-se ao capitalismo desde sua gênese. No entanto, à medida que as relações capitalistas se desenvolvem no centro, elas moldam o capitalismo periférico. Assim o avanço técnico da produção periférica é fortemente condicionado pela dinâmica do centro do capitalismo, o que faz com que, a despeito de transformações produtivas que ocorram no período (como é o caso da industrialização e o avanço da técnica na agricultura) a condição periférica se atualize e se aprofunde. Dessa forma, o impacto do desenvolvimento do capitalismo sobre os setores atrasados torna-se ainda mais violento.

milhões de homens, mulheres e crianças serão arrancados do campo, pelo trator, pelos implementos agrícolas sofisticados, pelos adubos e inseticidas, pela penetração do crédito, que deve ser honrado sob pena da perda da propriedade ou da posse. Restava sempre a saída de “aventurar-se” na fronteira agrícola em movimento (...) Contudo, havia alternativa para a fronteira distante, a cidade estava próxima (NOVAIS, CARDOSO DE MELLO, 2009, pág. 20-21).

A diferença entre esses camponeses expropriados de suas formas tradicionais por meio do avanço da técnica na periferia do capitalismo e aqueles camponeses ingleses expulsos das terras comunais por meio dos cercamentos reside no tipo de capitalismo em que eles serão lançados: esses são peça fundamental para a gênese e primeiros passos do modo de produção capitalista, ao passo que aqueles são lançados num capitalismo estruturado, marcado por uma divisão internacional do trabalho de difícil superação.

A teoria econômica convencional tem dado pouca relevância a esses importantes condicionantes econômicos e historicamente perceptíveis. Trazendo essa questão para a quadra histórica mais recente em



que predomina o neoliberalismo, compreendido como a ordem mundial que erige a concorrência em regra suprema e universal (DARDOT, LAVAL, 2016, pág. 197), os indivíduos passam a ser culpabilizados pelo seu “fracasso econômico”. Isso fica evidente na seguinte ocorrência num sonho de Cipriano Algor. O oleiro sonha que o chefe do departamento de compras dava-lhe a notícia de que o Centro Comercial já não realizaria nenhuma compra de sua olaria. Temendo que o oleiro cometesse suicídio, o chefe do departamento afirma que:

...saiba desde já que o Centro se recusará a assumir qualquer responsabilidade pela defunção, é que não faltaria mais, virem culpar-nos a nós dos suicídios cometidos por pessoas incompetentes e levadas à falência por não terem sido capazes de perceber as regras do mercado (...) Se a sua intenção é imolar-se pelo fogo, caro senhor, que lhe faça muito bom proveito, aviso-o, porém, de que não faz parte das extravagâncias do Centro, se algumas tem, mandar representantes e coroas de flores aos funerais dos seus ex-fornecedores (SARAMAGO, 2000, pág. 197-198).

A suposta objetividade do mercado é levada ao extremo e evidencia-se como o indivíduo, que deveria a célula básica da ordem liberal, só tem existência social na medida em que pode servir ao mercado. Uma vez eliminada sua utilidade econômica, evidencia-se a cisão entre existência física e a existência social do indivíduo: ainda que sua vida não extinga, o indivíduo vê-se redundante no conjunto da sociedade.

#### 4. Conclusão

A partir da pequena análise do livro *A Caverna* buscamos compreender alguns elementos do funcionamento do modo de produção capitalista. De encontro à tendência dominante dentro da ciência econômica de realizar sofisticadas operações

matemáticas e quantitativas, buscamos captar a partir dessa obra de Saramago elementos do funcionamento objetivo do capitalismo e sua relação com o surgimento de uma subjetividade marcada pela “individualidade”. Vimos como essa individualidade está intimamente à submissão dos sujeitos ao capital: ou o trabalhador se insere no modo de produção ou vê-se a si próprio como um sujeito “sem futuro”.

A questão colocada com *A Caverna* expõe como a desvalorização do ser humano é condição de ingresso no capitalismo e como essa desvalorização só se intensifica dentro do processo produtivo. O próprio “progresso” capitalista trata de repor e atualizar as formas de desvalorização do ser humano: o avanço da técnica no campo dos países subdesenvolvidos; sua industrialização baseada na superexploração da força de trabalho; a depredação ecológica, etc. Isso culmina com o neoliberalismo, momento em que o ser humano apresenta-se despido de qualquer armadura no teatro de batalha do mercado em que predomina a guerra de todos contra todos.

Caso a ciência econômica penetrasse na fragilidade desse indivíduo que luta para não perecer na sociedade mercantil, ela estaria expondo seus próprios limites e minando sua base teórica que é o poderoso *homo oeconomicus*. Com isso, podemos perceber porque o desenvolvimento do capitalismo representa um limite estrutural à profundidade de análise da ciência econômica. Dar passos além dos seus elegantes pressupostos, seria dar passos além do quadro teórico que sustenta ideologicamente o capitalismo. É evidente que a ciência burguesa não pode dar esse salto mortal.

É por isso que a crítica ao capitalismo deve ter por base uma perspectiva transdisciplinar que explicita as diferentes formas que o capitalismo penetrou na nossa vida e, com sorte, nos ajude a dar passos para além dos estreitos limites teóricos, intelectuais e sociais a que estamos sujeitos atualmente.

---

#### 5. Referências bibliográficas

- BELIAKOVA, Elena. *Jorge Amado e a literatura brasileira na Rússia*. In: *Amerika*, Paris, v. 10, 2014.
- BLANCHARD, Olivier. *The State of Macro*. In: *Annual Review of Economics*, Annual Reviews, vol. 1, n.1, p. 209-228.
- BLANCHARD, Olivier; MAURO, Paolo; DELL'ARICCIA, Giovanni. *Rethinking macroeconomic policy*. In: *Journal of Money, Credit and Banking*. Volume 42, n. 1, p. 199-215 Setembro 2010.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.

- 
- DUPAS, Gilberto. *O mito do progresso*. São Paulo: Unesp, 2006
- EAGLETON, Terry. *Marxismo e crítica literária*. São Paulo: Unesp, 2011
- ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. *Manifesto comunista*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Luta de classes na Rússia*. São Paulo: Boitempo, 2013.
- FRANCO, Gustavo. *A economia em Pessoa*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007a.
- \_\_\_\_\_. *A economia em Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007b.
- FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- GALBRAITH, John Kenneth. *1929: A grande crise*. São Paulo: Larousse, 2010.
- GUDIN, Eugenio. *O caso das nações subdesenvolvidas*. In: Revista Brasileira de Economia, Rio de Janeiro, v. 6, n. 3, p. 47-78, set. 1952.
- KONDER, Leandro. *Os marxistas e a arte*. São Paulo: Expressão Popular, 2013.
- \_\_\_\_\_. *A derrota da dialética*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- KRUGMAN, Paul. *Como os economistas puderam errar tanto?* In: Econômica, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 15-35, dezembro 2009
- \_\_\_\_\_. *A crise de 2008 e a economia da depressão*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.
- LIMA, Alexandre. *Economia política em Aristóteles e a perspectiva de Marx*. 2011. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- LÖWY, Michael. *Aviso de incêndio*. São Paulo: Boitempo, 2012.
- LÖWY, Michael; SAYRE, Robert. *Revolta e melancolia*. São Paulo: Boitempo, 2014.
- MARX, Karl. *O Capital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Grundrisse*. Londres: Penguin, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- NOVAIS, Fernando; CARDOSO DE MELLO, João Manoel. *Capitalismo e sociabilidade moderna*. São Paulo, 2009.
- PRADO JR., Caio. *Diretrizes para uma política econômica brasileira*. São Paulo, 1954.
- PREBISCH, Raul. *O desenvolvimento econômico da América Latina e alguns de seus problemas principais*. In: BIELSCHOWSKY, Ricardo (org.). *Cinquenta anos de pensamento na Cepal*. Rio de Janeiro, Record, 2000, v. 1, p. 78.
- SARAMAGO, José. *A caverna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- \_\_\_\_\_. *José Saramago en sus palabras*. Barcelona: Alfaguara, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.v.1
- WOODMANSEE, Martha; OSTEN, Mark. *The New Economic Criticism: Studies at the interface of literature and economics*. Londres: Routledge, 2005.
- ZAMIATIN, Evgueny. *Nós*. São Paulo: Aleph, 2017.
-

---

# AS VIRTUDES NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

*Maria Aparecida Miranda*

Pedagoga pela Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas Santa Rita de Cássia

*Prof<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Thaís Rabello (orientadora)*

Formada em Letras, pós graduada em Gramática da Língua Portuguesa, Psicopedagoga e Mestre em Educação

---

**ABSTRACT:** Virtues have always been part of the formation of the "good" man since antiquity. Philosophers, scholars, and educators have always focused on this subject by analyzing concepts and studies on the interference they cause in the formation and transformation of individuals. By exploring the concept of the virtues in the classroom, sometimes interacting, or experiencing their coexistence with other colleagues in their age group, their ethical, moral, intellectual and social sense develops.

**Keywords:** *Storytelling, Vitudes, Education.*

---

**RESUMO:** As virtudes sempre fizeram parte da formação do homem "bom", desde a Antiguidade. Filósofos, estudiosos e educadores sempre se debruçaram nesse assunto analisando conceitos e estudos sobre as interferências que elas provocam na formação e na transformação dos indivíduos. Ao se explorar o conceito das virtudes na sala de aula, ora interagindo, ora vivenciando a sua convivência com outros colegas de sua faixa etária desenvolve-se o seu senso ético, moral, intelectual e social.

**Palavras-chave:** *Contação de Histórias, Vitudes, Educação.*

---

## INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é como apresentar as virtudes de forma lúdica para os alunos do 1º ano do ensino fundamental I, trabalhando o desenvolvimento educativo e moral do aluno, uma vez que é nesta fase que se desenvolve o entendimento e a formação dos seus valores morais.

Atualmente vê-se nas escolas um grande número de alunos que desconhecem as regras, desafiam limites e apresentam difícil relacionamento social. Infelizmente muitos deles desconhecem ou não se importam com os valores morais, valores esses desenvolvidos pela formação familiar, onde a família exerce o papel de primeiro educador e o fator social onde segue parâmetros e regras determinadas pelo seu núcleo de amizade. Dentro deste contexto, cabe ao professor a tarefa de trabalhar e estimular o valor das virtudes com os alunos do 1º ano do ensino fundamental I, fase essa em que se começam a ouvir e a colocar em prática os valores adquiridos e a despertar a consciência pela responsabilidade de seus atos.

Assim, a contação de histórias vai ao encontro desse objetivo, através do encantamento das histórias apresentadas possibilitam-se profundas reflexões e reconhecimento dos valores das virtudes. Entendendo que para se produzir heróis as histórias descrevem trajetórias da luta do bem contra o mal, passando pelos processos de um ritual de passagem para que ele possa fazer a sua própria

escolha do caminho a seguir. Ambos os lados incluem responsabilidade e persistência, e o fato do aluno analisá-las vai desenvolver sua formação de indivíduo/herói atuante socialmente consciente.

"A criança tem necessidade[...] de uma educação que, sutilmente, unicamente por meio de subentendidos a faça ver as vantagens de um comportamento conforme a moral, não pela intermediação de preceitos éticos abstratos mas pelo espetáculo de aspectos tangíveis do bem e do mal que podem ser compreendidos por ela em toda sua significação. (Machado, 2004 p. 192)

Através da prática da contação de histórias a mente registra as atitudes corretas, repelindo o mal e se esforçando na prática do bem.

"Contar histórias é também um ato de renovação. Convidamos crianças e jovens a entrarem num mundo em comum, um mundo de ideias compartilhadas. Nessa comunidade oferecemos a tarefa constante de preservar os princípios, os ideais e as noções de bondade e grandeza que nos são caras". (William J. Bennett, 1995).

## 1. AS VIRTUDES – EVOLUÇÃO HISTÓRICA

Virtudes são qualidades necessárias à formação moral da pessoa, remete a conduta da pessoa na prática do bem. Pode-se considerar uma harmonia dos princípios morais em relação a



natureza humana, incluindo atitudes em relação ao agir e pensar.

Desde a época da Antiguidade (por volta de 4000 A.C) ou Mundo Antigo (700 A.C a 250 D.C) os filósofos já se preocupavam com a educação do caráter, procurando esclarecer certos conceitos, como pode-se observar em pensamentos de alguns deles.

PLATÃO (429-347 A.C) Através de seu conceito do Mundo das Ideias já tentava explicar o desenvolvimento do conhecimento humano, em seus diálogos já explorava as virtudes da coragem e da justiça.

SÓCRATES (470-399 A.C) Estruturava o conhecimento da pessoa através de perguntas, com o objetivo de explorar conceitos sobre como se vive o que é considerado importante. Tendo como princípio reflexões sobre a forma de pensar, se comportar levando a uma vida virtuosa com justiça e felicidade.

Suas perguntas tinham um cunho ético e muito se perguntava se a moralidade do homem vem de Deus ou é uma construção humana.

ARISTÓTELES (384- 322 A.C) Considerava possível ensinar as pessoas a serem virtuosas através da ciência prática, aplicando os conceitos morais através do sentimento e da ação.

Para ele, as virtudes servem de direção entre o excesso e a deficiência, promovendo a harmonia e o equilíbrio. A força do caráter (hábito) promove o desenvolvimento humano.

Aristóteles classificou as virtudes em dois grupos.

As virtudes intelectuais- voltadas a inteligência, a capacidade de aprender com o diálogo e a reflexão em busca do conhecimento.

As virtudes morais- relacionadas com o bem, o que é considerado bom de acordo com a ética.

Pode-se afirmar que o pensamento de Platão, Sócrates e Aristóteles serviram de base para toda a filosofia Ocidental.

No Mundo Medieval (250- 1500) com a influência do Cristianismo foram acrescentadas as virtudes cardeais/morais e as virtudes teológicas, as virtudes cardeais são consideradas as centrais, as orientadoras de acordo com a ética e as virtudes teológicas de acordo com a doutrina Cristã com princípios para que o homem aja de acordo com Jesus- filho de Deus.

Dentre os filósofos da época é possível considerar Santo Agostinho como aquele que procurou integrar a filosofia grega aos princípios

cristãos, ele diz que “ a virtude é uma boa qualidade da mente, por meio da qual vivemos retamente”. E São Tomás de Aquino que diz “ a virtude é um hábito do bem, ao contrário do hábito para o mal ou o vício”.

Já na Renascença, a Idade da Razão (1500-1750) destaca-se o pensamento do filósofo John Locke (1632- 1704) em sua obra “ Alguns pensamentos acerca da educação” propõem uma educação moral onde os bons costumes e a moral superam a importância de um ensino voltado para o conteúdo disciplinar. René Descartes (1596-1650) com o pensamento “ As melhores mentes podem ter as maiores virtudes ou os maiores vícios”.

Na Era da Revolução Industrial e Francesa (1750-1900) Rousseau (1712-1778) já analisava o comportamento do homem com referência às virtudes dizia “ O primeiro passo para o bem é não fazer o mal” e “ Se é a razão que faz o homem, é o sentimento que o conduz”. Segundo Immanuel Kant (1724-1804) também filósofo da época diz que a doutrina da virtude refere-se a doutrina geral dos deveres que diz respeito a liberdade, para ele “ o homem não é nada além daquilo que a educação faz dele”.

No Mundo Moderno (1900-1950) destaca-se Friedrich Nietzsche (1844- 1900), seu pensamento exerceu forte influência sobre várias áreas (literatura, psicanálise, política, filosofia) mas a reflexão moral e até mesmo crítica exercida em seus conceitos, tendo como proposta provocar o pensamento “ é pelas virtudes que se é mais bem castigado” e “ a moralidade é a melhor de todas as regras para orientar a humanidade”.

A prática das virtudes tem um fundamento importante para a vida ética e se constitui o núcleo central da filosofia moral de Alasdair Mac Intyre (1929-) conceituando a moralidade como forma de lidar com os hábitos e o conhecimento da melhor maneira de viver e ter uma vida boa.

A Idade Contemporânea (1950- dias atuais) pode-se citar a filósofa atual Martha Nussbaum (1947-) que traça sua pesquisa com base em antigos filósofos e explora sobre a ética da Antiga Grécia, mais especificamente em Aristóteles.

E no Brasil destaca-se o filósofo e educador Mario Sergio Cortella que levanta as virtudes em cada aspecto da sociedade. Em uma de suas palestras defende as virtudes da coragem, o capricho e a vitalidade como suporte da vida, para que ela não seja inútil, fútil nem vazia.

Através da análise das virtudes desde suas primeiras concepções observam-se algumas mudanças no decorrer de cada época e classificando-as da seguinte forma.

---

Virtudes Cardeais ou Morais, são as virtudes centrais, que nos devem orientar. São elas:

- Prudência - É a sabedoria, o bom senso, o equilíbrio para o agir corretamente.
- Coragem - virtude que faz o ser humano perseverar diante de uma dificuldade, é a força da alma, trabalha com o julgamento, com a perseverança.
- Justiça - é a virtude que rege o respeito à igualdade e à dignidade da pessoa; trata dos direitos e dos deveres.
- Temperança - é o auto- controle, que ordena os afetos e modera os impulsos; abre caminho para a castidade e o desapego.

Virtudes Teologais - de acordo com a doutrina cristã, servem como orientação e para o relacionamento com Deus.

- Fé- é conhecimento, confiança, a crença em Deus e o agir moral em relação às pessoas.
- Esperança- é o que motiva e leva a acreditar na felicidade após um período de incertezas.
- Caridade- é a expressão do amor, o ato de se doar e se sensibilizar diante da situação do próximo.

As virtudes que vêm acompanhadas de valores, são denominadas de virtudes particulares são elas: amizade, responsabilidade, honestidade, perdão, compaixão, perseverança, simplicidade, respeito, sabedoria, paciência, obediência e confiança, entre outras.

Ao conhecermos as virtudes podemos concluir que, no desenvolvimento pessoal, podem ser praticadas e aprendidas tornando-se um hábito (léxis), que proporcionará ao ser humano a sabedoria necessária para aplicá-las às regras de conduta.

Entre as formas negativas encontram-se o egoísmo, a arrogância, a vaidade, o narcisismo. Assim, podemos refletir sobre seus aspectos e situações no mundo contemporâneo buscando um senso ético para nortear as ações humanas.

Ao apresentar o valor das virtudes dentro do contexto das histórias, ludicamente trabalhamos o desenvolvimento moral da criança.

## 2. INTRODUÇÃO À CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

A arte de contar histórias é uma das manifestações culturais mais antigas registrada pelo homem. Entre os nossos mais remotos ancestrais, era comum se reunir à noite ao redor de uma fogueira e contar as aventuras e desventuras do seu dia ou contar as histórias de vida, das suas origens e de suas crenças.

Assim, boa parte da história do homem foi transmitida por meio da oralidade, passando de pais para filhos, dos mais velhos para os mais novos e toda a história de seu povo, de sua família foi preservada através da memória e dos conhecimentos adquiridos que não poderiam se perder, para depois serem recontados aos próximos que viriam a nascer, tornando esse povo e a essa comunidade sempre viva, podendo até ser considerado uma questão de sobrevivência social e cultural de um povo. Como grande exemplo disso podem-se citar os Xamãs, os Pajés e os Curandeiros das tribos que conheciam os segredos das ervas e plantas das florestas e os transmitiam aos descendentes.

Geralmente, o contador de histórias era a pessoa mais idosa da tribo ou da aldeia e a ele se dedicava todo o respeito. Era o detentor de grande conhecimento por ter vivido e ouvido muitas das histórias que contava e guardava na memória, para que fossem transferidas ao seu povo, a fim de manter o respeito às tradições e continuar viva a cultura e o conhecimento sobre o seu povo.

“[O contador de histórias] sentia orgulho de sua linhagem, de seu repertório e do nível de sabedoria de suas histórias, pois estas eram usadas como indicadores do presente, registros do passado e faziam alusões às coisas do mundo dos sentidos, bem como às do mundo além das aparências” (MACHADO 2002 p. 25, apud IDRIES,1984).

Atualmente, o ato de contar histórias não está mais envolvido com a escuridão da noite, com a fogueira acesa e o tradicional envolvimento do povo reunido. O costume foi se perdendo com a modernização e surge então um novo narrador para esse século, “que poderá enfrentar com outro tipo de discernimento as relações humanas, os conflitos, as diferenças, as incoerências, as crises e a falta de sentido desse nosso mundo de hoje” (Machado,2002 p.33) ou seja, alguém preocupado com todo um conteúdo imaginativo, criativo, moral, relacionado aos princípios éticos e que a história passe a retornar a seus ouvintes dentro de um novo ambiente que pode ser uma praça, um parque, uma biblioteca e principalmente na escola, onde o professor se coloca dentre suas múltiplas disciplinaridades como um contador de histórias.



“Mesmo hoje em dia, ainda há uma ignorância generalizada da importância e função das narrativas tradicionais dentro de um contexto educacional. Muitas vezes, a utilização pedagógica desses contos modifica os relatos no sentido da escolarização da linguagem, banalizando e neutralizando seus conteúdos”. (MACHADO 2002 p.192)

Atualmente muitos Contadores de Histórias tradicionais são desvalorizados por não possuírem uma educação formal. É o momento de mudar esse pensamento e valorizar esse contador, pois as histórias de sua cultura e as informações dadas a ele por seu povo tornaram-no profundo conhecedor de suas raízes culturais e históricas interligando seus conhecimentos com a cultura do país e a sua formação histórica.

Em cada região do Brasil é possível perceber a luta para manter sempre viva as raízes e tradições culturais do povo, muitas vezes só conseguida com os tradicionais contadores de histórias.

Uma boa contação de história tem que ter por base a razão e o motivo pelo qual o contador a escolheu para contar. O que o torna capaz de entender e transmitir o que de melhor pode traduzir sua história, os pontos onde o ouvinte irá se prender mais e onde pode se dispersar, e com isso ele próprio sentirá primeiro a emoção da história a ser contada.

A parte prática de que todo bom contador de história deve se apoiar é em fazer o seu ouvinte se envolver na sua forma de contação, criar a sua maneira de interpretar acrescentando emoções, sentimentos e encanto para que o ouvinte se deixe envolver pela história.

Já a concepção teórica se dá por intermédio de três elementos essenciais na Contação: narrador, ouvinte e história.

O narrador é o emissor da história, aquele que assume o papel de contar, de narrar a história. Podendo se utilizar de três elementos importantes: a linguagem oral, corporal e o silêncio.

A história será escolhida de acordo com critérios, temas, faixas etárias e o que se propõe atingir. As histórias podem ser autorais, ou seja, aquelas escritas por um autor. A oral, ouvida e retransmitida acrescentando informações próprias. Improvisadas, as que por meio de uma palavra ou um tema será desenvolvida, criando toda a sua trajetória, estimulando a imaginação do ouvinte, transformando seu espaço (sala de aula) em momentos de alegria e prazer pela leitura.

O ouvinte é o receptor, aquele que se propõe a escutar, a história. A relação entre o narrador e o ouvinte está interligada pela história através do olhar, da atenção e da emoção

transmitida pelo Contador de História, levando o ouvinte para lugares inimagináveis, conhecendo pessoas e coisas diferentes.

“ O ato de contar histórias não somente amplia o horizonte cultural das crianças e promove o enriquecimento linguístico e literário, mas também coloca em jogo a energia regeneradora da afetividade e amor feito doação” (Valotto,1997 p.19).

Segundo Malba Tahan, os quatro aspectos importantes das histórias são: a sua universalidade, sua influência, os recursos oferecidos aos educadores e os benefícios que essa história irá proporcionar.

Histórias bem contadas, elaboradas e intrigantes desenvolvem o raciocínio emocional e afetivo pois leva o ouvinte a navegar por culturas diferentes, tradições de outros povos, classes sociais, raças e costumes, e é um grande exercício de imaginação, e interpretação.

Partindo do interesse de ouvir uma história, é possível estimular a criança para a leitura e abrir espaço para a sua imaginação e criatividade, estimulando a atenção e a memória.

Regina Machado, professora e pesquisadora dos contos orais, relata em seu livro *Acordais* (2004,pg 24) as influências do conto da seguinte forma:

“ É preciso perceber a realidade do conto, do mundo encantado do pode ser, para se compreender o afeto que as histórias milenares produzem até hoje no ser humano que somos. Longe de ser uma ilusão, o maravilhoso nos fala de valores humanos fundamentais que se atualizam e ganham significado para cada momento da história das sociedades humanas, no instante em que um conto é relatado”.

*Para que uma estória?  
Quem não compreende  
Pensa que é para divertir  
Mas não é isto.  
É que ela tem o poder  
De transfigurar o cotidiano.  
Rubem Alves*

### 3. INFLUÊNCIAS DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

A princípio todas as histórias tem como função básica a diversão, mas todas vêm envolvidas numa teia de objetivos: educar, instruir, socializar, desenvolver a sensibilidade e a inteligência.